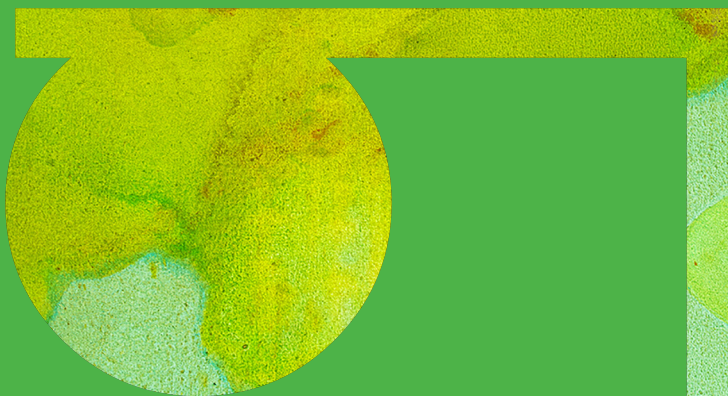


43.º FESTIVAL de Almada

04 — 18 Julho 2026

Organização
Câmara Municipal de Almada
Companhia de Teatro de Almada



O Festival de Almada está de regresso, nas datas habituais: entre 4 e 18 de Julho sobem à cena 12 criações internacionais e sete espectáculos portugueses, em oito palcos de Almada e Lisboa. Já se encontram à venda as Assinaturas que dão entrada em todos os espectáculos: desta 43.ª edição fazem parte alguns dos mais destacados criadores do mundo do teatro e da dança, como o alemão Peter Stein, os suíços Christoph Marthaler e Milo Rau, a belga Anne Teresa De Keersmaeker, o sérvio Josef Nadj, o espanhol Israel Galván, ou o francês Mohamed El Khatib. Para além dos espectáculos, os Actos Complementares do Festival incluem um programa quotidiano de encontros com artistas, exposições e formação teatral. A personalidade homenageada em 2026 é o actor e encenador Fernando Gomes, e Miguel Seabra dirigirá o curso *O sentido dos Mestres*. Em todos os finais de tarde haverá concertos de entrada livre na Esplanada da Escola D. António da Costa, em Almada.

Peter Stein, Christoph Marthaler, Anne Teresa De Keersmaeker: dois regressos e uma estreia

Tanto **Peter Stein** como **Christoph Marthaler** têm-se apresentado regularmente durante a última década em Almada. O decano encenador alemão tem-nos trazido peças de um leque de autores tão variados quanto Goethe, Labiche, Beckett ou Pinter. Desta vez, naquela que será provavelmente a sua última criação, lança-se a um texto que **Tchecov** escreveu na juventude e que nunca chegou a ver representado: *Platónov*, uma peça na qual já despontam os temas, as personagens e os ambientes que viriam a caracterizar as obras-primas escritas posteriormente. **Marthaler**, que é já uma referência para várias gerações de artistas, vem pela quinta vez a Almada, agora com um espectáculo co-produzido pelo Piccolo Teatro di Milano e que integrou a última edição do Festival d'Avignon: *O cume* — em co-apresentação com o Teatro Nacional D. Maria II — consiste numa divertida e irreverente metáfora multilingue acerca das possibilidades, dos impasses, e dos equívocos desse projecto federativo chamado Europa. De novo o criador suíço traz-nos uma inesperada combinação de música — Mozart, Schubert, Beatles... — e literatura — Pasolini, Dylan Thomas, Ungaretti... —, capaz de arrancar gargalhadas até aos mais circunspectos. A coreógrafa e bailarina belga **Anne Teresa De Keersmaeker**, por sua vez, vem pela primeira ao Festival, com um espectáculo em que arrisca aquilo a que ainda ninguém se tinha abalanchado: dançar as canções de **Jacques Brel**. O espectáculo — em co-apresentação com o Centro Cultural de Belém — chama-se *BREL*, justamente, e consiste também num diálogo inter-geracional, uma vez que a coreógrafa dividirá o palco com o

jovem bailarino francês **Solal Mariotte**: na verdade, este duo torna-se num trio, dado o relevo da poesia e da força interpretativa do cantor belga, omnipresentes em toda a peça.

Platónov por Peter Stein

“O **Tchecov**, mesmo muito novo, já tinha percebido tudo”: quem o afirma é **Peter Stein** a propósito de **Platónov**, a peça que o autor de *A gaiivota* escreveu com apenas 21 anos, que foi recusada pelo teatro de São Petersburgo, e que o dramaturgo acabou por guardar na gaveta, nunca chegando a publicá-la. Sendo um texto desmedido, sem o poder de concisão e síntese das obras-primas da maturidade *tchecoviana*, em **Platónov**, contudo, já se encontra o germe dos temas que o dramaturgo abordou no final do século XIX e que continuam a interpelar-nos nos nossos dias: a incapacidade de nos adequarmos à mudança, o amor, o tédio, o mistério inexplicável da vida, a morte. Escrita por volta de 1880, e também conhecida pelo título *Órfão de pais* — como resposta a *Pais e filhos*, de Turgueniev? —, **Platónov** consiste, segundo **Stein**, “na história de um homem talentoso e fascinante, mas incapaz de encontrar o seu lugar no mundo. Amado por quatro mulheres, é incapaz de escolher uma. Perde-se nas suas cogitações, oscila entre desejo e medo, até acabar por detestar-se a si próprio”. Esta personagem, que vários autores situam entre um Hamlet e um D. Juan de província, consiste no primeiro exemplo da longa série de ‘homens supérfluos’ que **Tchecov** criará no conjunto dos seus contos e peças de teatro. Para o encenador alemão, estamos perante o retrato de um mundo materialista e decadente, em derrocada, mas que jamais renuncia à beleza das coisas. A dada altura houve-se da boca de Anna Petrovna, a ‘Generalá’: “Ou a propriedade, ou a honra — e eu escolho a propriedade”. E adiante Platónov, o protagonista, que dá o nome à peça, brinda “ao fim de todas as amizades, incluindo a nossa”.

Teatro Municipal Joaquim Benite | Domingo 5 às 21h30 | Segunda 6 às 19h00

BREL por Keersmaeker

“A poesia de Brel é eterna — nós é que passamos”: foi esta a conclusão a que chegou a crítica de dança do *Le Monde* após assistir a **BREL**. Na verdade, como poderá dançar-se esse monumento da canção chamado **Jacques Brel**, cuja música tem atravessado gerações? Foi justamente esse o desafio a que se lançaram o jovem **Solal Mariotte**, um promissor coreógrafo e bailarino francês de 25 anos, e a consagrada bailarina e coreógrafa belga **Anne Teresa De Keersmaeker**, a caminho dos 70. Os mundos de Keersmaeker e de Mariotte, vindo do *breakdance*, fundem-se nesta criação para encarnar canções que nada faria prever que alguma vez chagassem a ser dançadas. Juntos, os dois artistas exploram a poesia poderosa, a expressividade e a gestualidade do cantor belga, num espectáculo apresentado no ano passado na Pedreira de Boulbon, no Festival d’Avignon. Sobre o processo de criação, **De Keersmaeker** revelou ao *La Terrasse* que “partimos da obra completa de **Brel**: cerca de 150 canções compostas durante um período de 15 anos. Fizemos uma selecção, numa certa lógica cronológica. São melodias conhecidas por todos, com textos fortes, e depois havia também as imagens filmadas das suas interpretações, que chegaram até aos nossos dias”.

Centro Cultural de Belém | Sábado 11 às 19h00 | Domingo 12 às 17h00

O cume de Marthaler

Não será por acaso que os franceses, os ingleses, os alemães e os italianos têm nas suas línguas uma palavra que designa simultaneamente ‘cume’ e ‘cimeira’. *Le sommet*, o título em francês da última criação de **Christoph Marthaler**, remete efectivamente para o conceito de ‘melhor’, ‘o mais alto’, ‘o mais vistoso’ — ‘o cúmulo’, ou ‘o auge’, diríamos nós em português. Mas é que no cume, no topo, ao mesmo tempo não há nada. E nas cimeiras sói botar-se discurso, embora tudo já tenha sido discutido antecipadamente. Neste espectáculo — que volta a inscrever-se na linha ‘absurda-contemporânea’ das criações de **Marthaler** — os actores provêm de países europeus com culturas e línguas distintas. Falam francês, italiano, alemão e algum inglês. E no entanto jamais é dado de barato que alguma vez chegarão a entender-se, ou pura e simplesmente ouvir-se mutuamente. O tal encontro político-cultural em que

estas personagens participam parece-se tanto com a Suíça, de onde o encenador é originário, como com o próprio Velho Continente. De facto, esta Europa é simultaneamente um sonho tornado realidade e uma construção burocrática: não há dúvidas de que está no cume, no topo, mas lá em cima só há céu.

Teatro Municipal Joaquim Benite | Sexta 17 às 21h30 | Sábado 18 às 18h00

O Mundo absurdo: Ionesco e Beckett

As peças da mais importante geração de dramaturgos da segunda metade do século XX são habitualmente designadas como ‘teatro do absurdo’. Embora autores como Beckett, Ionesco, Adamov, Genet ou Pinter não tenham formado uma escola propriamente dita, não há dúvida de que nos seus textos existe um denominador comum quanto aos temas e à forma. Apresentam-nos geralmente personagens que perderam as suas ligações e relações tanto íntimas como cósmicas. E que erram, as mais das vezes imóveis, em busca de um refúgio que não são capazes de encontrar: são frequentemente consideradas alegorias de uma humanidade em sofrimento, nos escombros do ‘Teatro do Mundo’. No contexto de incerteza e imprevisibilidade em que vivemos, invocamos dois destes autores: a **Companhia de Teatro de Almada** estreia um espectáculo intitulado **SAUDAÇÕES**, com encenação de **Álvaro Correia** e que inclui três peças curtas de **Eugène Ionesco** — *As saudações*, *O novo locatário* e *Delírio a dois* —, e o **Teatro Meridional** apresenta **Happy Days**, de **Beckett**, com encenação de **Miguel Seabra**.

SAUDAÇÕES, de Eugène Ionesco

Sobre a originalidade, a premência, a irreverência e a importância de **Ionesco** para o cânone do teatro ocidental, escreveu Emmanuel Jacquart (professor na Universidade de Harvard) o seguinte: “Sendo um poeta-humorista da craveira de Prévert e de Queneau, e dotado, tal como Lewis Carroll, de um sentido de ‘nonsense’ aliado a uma imaginação transbordante e a uma capacidade de espantar que surpreenderia Sócrates, Ionesco evolui com naturalidade no universo da derisão e do tragicómico. A sua escrita desafiou todos os conformistas, feriu várias susceptibilidades, e marcou profundamente o teatro da sua época. Este dramaturgo ‘solitário’, com ‘nódoas negras na alma’ e ocasionalmente com um sorriso nos lábios, é um dos mestres — e *enfants terribles* — do seu tempo”. **SAUDAÇÕES** anuncia-se como uma seta satírica apontada ao Mundo contemporâneo, com as suas vicissitudes, as suas contradições, o seu Absurdo — e a perplexidade de todos nós, criadores e espectadores. Sobre a possibilidade de dirigir este espectáculo, **Álvaro Correia** afirma o seguinte: “Trabalhar **Ionesco** é um desafio. Este autor usa o *nonsense* e o exagero para criar efeitos cómicos perturbadores, misturando o trivial com o estranhamento. Apresenta situações que se repetem sem progresso, muitas vezes sem sentido, jogos de palavras, reflectindo essa forma a falência da comunicação humana”. A tradução de **SAUDAÇÕES** ficou a cargo de **Golgona Anghel**, a cenografia e os figurinos são de **Sérgio Loureiro**, o desenho de luz é de **Guilherme Frazão**, e o desenho de som é de **Daniel Mendrico**. Os intérpretes são **André Pardal**, **Buno Soares Nogueira**, **Carla Bolito**, **Pedro Walter** e **Teresa Gafeira**.

Teatro Municipal Joaquim Benite | Domingo 5 às 18h0 | Terça 7,
Quinta 9, Sábado 11, Segunda 13, Quarta 15, Sexta 17 às 21h30

Happy Days, de Samuel Beckett

Happy Days põe-nos perante Winnie, a patética. Aquela que, enterrada no solo, daí comanda o seu mundo de objectos e de ilusões, e neles integra o seu amor perdido, o seu amor nunca ganho. Winnie, a que está ali, ilusoriamente resistindo à passagem do tempo. **Samuel Beckett** opera a desconstrução da coerência das personagens — e seria mais apropriado falar ‘da personagem’ — até ao extremo de uma grotesca imagem explosivamente reveladora da realidade. A linguagem, sucessão de encadeamentos, de fragmentos e repetições, vai progressivamente apurando uma musicalidade rítmica, indutora de uma elementaridade fértil, simples, mas muito longe de ser simplista. Sobre este espectáculo, que é a mais recente criação do **Teatro Meridional**, escreveu **Miguel Seabra**, o seu encenador: “Tenho uma relação quase religiosa com

Samuel Beckett. Quando o leio, regresso a um ponto muito central dentro de mim. Um lugar de inteireza. Este escritor reconduz-me a uma escuta profunda, a um estado de presença absoluta. Para muitos, é um autor difícil, incómodo, quase maldito: fala do fim do mundo, da infelicidade, da escassez, do vazio, da noite — a noite da humanidade”.

Fórum Municipal Romeu Correia | Terça 7, Quinta 9, Sábado 11 às 21h30

As gaiivotas

O Festival deste ano encerra com a apresentação, no Palco Grande da Escola D. António da Costa, de um texto canónico da dramaturgia universal: *A gaiivota*, de **Anton Tchecov**, com direcção do encenador e actor francês **Christian Benedetti**, pela primeira vez em Portugal. Para este criador, que já montou todas as principais peças do autor russo, “com este texto, **Tchecov** interroga as nossas capacidades, os nossos meios e as nossas obrigações. Qual é a forma que teatro deve ter hoje em dia? (‘São precisas novas formas, se não o melhor é não fazer nada’, diz Treplev a Sorine.) Mas alterar a forma de fazer teatro não chega, se não for para perspectivar uma outra forma de olhar e de ver. Isto se quisermos interpelar quem assiste ao espectáculo; fazê-lo alterar o seu ponto de vista. Se o novo espectador é o próprio Homem, então a morte do espectador é a morte da Humanidade”. Mas até 18 de Julho há um percurso feito de três criações que nos revelam a influência que esta peça de **Tchecov** ainda exerce nos criadores hodiernos. **Milo Rau**, o dramaturgo e encenador suíço que dirige o Festival de Viena, traz-nos a criação que estreou na última edição do Festival d’Avignon como espectáculo itinerante. A sua *La lettre* cruza as histórias íntimas de dois intérpretes com uma obsessão comum a ambos: *A gaiivota*, pois então. **Miguel Fragata** parte em busca dos destinos dos seus colegas finalistas do curso de actores da ESMAE (ano de 2005), que se estrearam justamente com a montagem do texto do autor russo. Em *Só mais uma gaiivota*, o encenador portuense investiga no que é que resultaram as ambições desses jovens artistas que, tal como Treplev, reivindicavam um ‘teatro novo’. Finalmente, **Raquel Castro** traz-nos uma peça de ‘teatro dentro do teatro’, que aborda o tema da ansiedade que assalta os artistas durante o processo criativo de um espectáculo. Em *Ansioliticamente falando* é-nos dada a oportunidade de espreitar o que se passa numa sala de ensaios e de testemunhar as preocupações de um grupo de actores jovens (e precários) que ensaiam — lá está — *A gaiivota*.

Ansioliticamente falando, de Raquel Castro

Estreada no final ano passado, *Ansioliticamente falando*, a mais recente criação de **Raquel Castro**, acaba por inscrever-se na linha de espectáculos anteriores — como *A morte de Raquel* ou *As Castro* —, nos quais a linha dramaturgica condutora era a sua própria biografia. No entanto, a intenção inicial não era essa: para fugir de si mesma, a actriz e encenadora começou por considerar não fazer mais um espectáculo autobiográfico. Decidiu então encenar *A gaiivota*, de Tchecov. O plano parecia estar a correr bem — até que voltou a dar de caras consigo mesma. Na sinopse com que se apresenta esta peça pode ler-se que “por mais que tente, a Raquel não consegue ver-se livre de si própria: a sua vida está por toda a parte, até em Tchecov”.

Academia Almadense | Domingo 5 às 16h00 | Terça 7 às 21h30 | Quarta 8 às 19h00

La lettre, de Milo Rau

Jogando com a ideia de que um jovem artista se define a si mesmo quer pelos papéis que interpreta, quer pela sua história familiar, neste “estudo cénico” **Milo Rau** explora os acontecimentos que, de forma praticamente imperceptível, acabam por alterar os cursos das nossas vidas: conflitos geracionais, história política, amor e morte. Com um tom desopilante e pleno de humor, *La lettre* constitui-se como um manifesto daquilo que o teatro popular poderia ser nos dias de hoje. Da história de Joana D’Arc até à *Gaiivota* de Tchecov, a representação dos dois jovens intérpretes desta peça — o actor belga **Arne De Tremerie** e a actriz francesa **Olga Mouak**, a que se juntam as vozes gravadas de **Anne Alvaro** e **Isabelle Huppert**, entre outras — desdobra-se em vários níveis, num constante vai-e-vem entre a arte e a vida. Em entrevista, **Milo Rau** revelou que este espectáculo nos conta a história de uma dupla obsessão: “Por um lado há a de Arne, o

actor, que deseja ardentemente encenar *A gaivota* porque a sua avó, uma antiga estrela da rádio flamenga, adorava a peça. Tinha querido representar o papel da jovem Nina, ou mesmo o de Arkadina, a personagem da mãe: são dos papéis mais desejados do teatro clássico. Essa senhora morreu na altura em que o Arne entrou para o Conservatório, e em que se estreou justamente com *A gaivota*. Por outro lado, temos Olga, a actriz, de ascendência camaronesa por parte da mãe e da avó. Essa sua avó vivia nos Camarões e sofria de esquizofrenia: ouvia vozes. Acabou por morrer queimada, sem que se tivesse alguma vez esclarecido as circunstâncias da sua morte. A Olga acabou por crescer em Orleães e deixou-se apaixonar por Joana D’Arc, essa figura histórica tutelar que ouvia vozes e que morreu na fogueira — e que hoje em dia, infelizmente, é utilizada como símbolo por alguns grupúsculos fascistas”.

Palco Grande da Escola D. António da Costa | Domingo 12 às 22h00

Só mais uma gaivota, de Inês Barahona e Miguel Fragata

“O Konstantin Gavrilovitch matou-se com um tiro”. Assim terminou *A gaivota*, de Anton Tchecov. Depois, desceu o pano e o público presente na sala aplaudiu, entusiasmado, o desempenho daqueles jovens actores e atrizes, cenógrafos e figurinistas, técnicos e produtores. Estavam a terminar o curso de teatro. Tal como Konstantin Gavrilovitch, abraçavam expectativas e angústias em relação ao seu futuro enquanto artistas. Alcançariam a visibilidade que os colocaria no centro do palco, no encalce de novas formas ou, pelo contrário, estariam à beira do suicídio do seu projeto profissional? Vinte anos depois, **Miguel Fragata** — um desses jovens actores — parte em busca do destino dos seus colegas e recupera fiapos das personagens, procurando imaginar a continuação do IV acto do texto de Tchecov. A partir do terreno híbrido da ficção e da realidade, surge o espectáculo *Só mais uma gaivota*, em que se entrelaçam as histórias dos artistas feitos personagens, depois de descido o pano de boca e escrita a palavra “fim”.

Fórum Municipal Romeu Correia | Segunda 13 às 21h30 | Quarta 15 às 21h30 | Sexta 17 às 21h30

A gaivota, por Benedetti

“Não dá para nos armarmos em espertos com **Tchecov**: ele descreve a Humanidade de forma inimitável. É um dramaturgo que, no final do século XIX, inventou algumas técnicas que o cinema depois viria a utilizar, como o primeiro plano. Revolucionou o teatro. Foi ele quem começou a dividir as peças por actos, descrevendo-nos uma sociedade obcecada pelo dinheiro”: quem o afirma é **Christian Benedetti**, que foi aluno de Antoine Vitez e o primeiro encenador a montar Sarah Kane em França. Em 2011 dirigiu *A gaivota* (a primeira peça que encenara, ainda no Conservatório, em 1980), e nos 10 anos seguintes mudou-se para a ‘Tchecóvia’: o seu teatro-estúdio em Alfortville, nos arredores de Paris, onde montou sucessivamente nos anos seguintes as obras-primas de **Anton Tchecov** com assinalável êxito. “Actores excelentes”, in *Le Monde*; “Uma magia arrebatadora”, in *Télérama*; “Soberbo”, in *Pariscope* — escreveu-se sobre *A gaivota*. A concluir essa jornada, em 2022 apresentou ‘uma integral de **Tchecov**’, na qual 17 actores interpretavam *Ivanov*, *A gaivota*, *Tio Vânia*, *As três irmãs*, *O cerejal*, *Platónov*, e mais alguns actos únicos. Este verdadeiro empreendimento intitulava-se *137 desmaios*: o número exacto das vezes em que as personagens perdiam os sentidos nesse conjunto de peças. Sobre a criação que agora traz a Almada, Benedetti afirma que “*grosso modo*, é um texto em que os velhos querem matar os novos, e vice-versa. Só que **Tchecov** não nos deixa instalar passivamente nos nossos lugares de espectadores. Obriga-nos a tomar partido”. *Et pour cause*, deixa ficar acesas as luzes da plateia durante a representação.

Palco Grande da Escola D. António da Costa | Sábado 18 às 22h00

Nadj, Galván/El Khatib, Zimmermann: dança, teatro, novo-circo

A 43.^a edição do Festival de Almada inclui também espectáculos que cruzam o teatro com a dança, por um lado, e com o novo-circo, por outro. *Dialogues dans le rêve*, de **Josef Nadj** e **Ivan Fatjo**, consiste no regresso desta dupla de criadores/intérpretes a Almada: o primeiro dirigiu em 2021 a formação *O sentido dos Mestres*. Esta nova criação, que estreia no início de Julho em Montpellier, inspira-se na obra do poeta húngaro Dezső Tandori, conhecido pela sua capacidade de brincar com as palavras, com a fragmentação e com o não-dito. *Israel e Mohamed* consiste no diálogo entre dois dos mais destacados criadores da sua geração — o coreógrafo e bailarino espanhol **Israel Galván**, e o actor e realizador francês **Mohamed El Khatib** — com os seus respectivos pais, dois octogenários que nunca se conformaram com os percursos artísticos dos filhos. Finalmente, após o sucesso de *Eins, Zwei, Drei* — apresentado em 2023, com a participação de Romeu Runa —, o coreógrafo e artista plástico suíço **Martin Zimmermann** traz ao Palco Grande *Danse macabre*, numa revisitação moderna da dança europeia medieval na qual o próprio criador interpreta a figura zombeteira da Morte, “que tudo iguala”.

Danse macabre, de Martin Zimmermann

Dança macabra inscreve-se na continuidade do percurso artístico verdadeiramente singular — que reúne teatro, dança e novo-circo — percorrido nos últimos 20 anos pelo coreógrafo e encenador suíço **Martin Zimmermann**. Em cena deparamo-nos com três personagens tragicómicas, profundamente frágeis, que deixaram de enquadrar-se na sociedade e que, nas suas tristezas, acabam por encontrar-se no mesmo sítio e na mesma altura. O dispositivo cénico desta peça evoca uma lixeira abandonada, onde se vai acumulando tudo o que já não pode ser utilizado nem eliminado. É nesse lugar inóspito que se instala este trio improvável. Apesar das peripécias e das suas dificuldades de relacionamento, essas três personagens dispõem-se a resistir, alcançando um ponto de entendimento comum que lhes permitirá encontrarem algumas saídas para situações verdadeiramente inauditas.

Palco Grande da Escola D. António da Costa | Sábado 4 às 22h00

Dialogues dans le rêve, de Josef Nadj

Os coreógrafos e bailarinos **Josef Nadj** e **Ivan Fatjo** voltaram a juntar-se para uma nova criação: *Diálogos no sonho*. Após espectáculos como *Pour Dolores*, *Paysage Inconnu*, *OMMA* e *Full Moon* — todos com passagem por Almada —, os dois decidiram explorar novos territórios artísticos, unindo a dança, a música e a performance. O título desta criação cita um famoso texto de **Muso**, um dos grandes autores da tradição *zen* japonesa. Este novo projecto inspira-se igualmente na poesia do húngaro **Dezső Tandori**, que estabelece na sua obra uma forma de comunicação situada entre o consciente e o inconsciente, o real e o fantasmagórico. Um dos eixos principais deste novo espectáculo consiste no estudo do movimento através da marioneta. Os dois criadores interessaram-se pela ideia de um corpo que aparente ser simultaneamente animado e inanimado, que oscile entre a vida e a mecânica, entre o orgânico e o artificial. O corpo do bailarino torna-se assim num espaço de tensão, num território de confronto entre o humano e a marioneta.

Palco Grande da Escola D. António da Costa | Quarta 8 às 22h00

Israel & Mohamed, de Israel Galván e Mohamed El Khatib

Um é bailarino e um iconoclasta do flamenco, o outro é actor e faz um teatro ancorado na realidade documental. Um é sevilhano e em criança levavam-no ao culto evangélico; o outro cresceu em Orleães e teve de decorar o Alcorão sem entender uma única palavra. Um é filho de um ex-bailarino de flamenco tradicional; o outro é filho de um operário analfabeto. Um queria ser jogador de futebol, mas o pai rompia-lhe as bolas, para ele não faltar às aulas de dança; o pai do outro teria querido que o filho se tornasse numa vedeta do futebol, e nunca entendeu por que é que ele, tão bom aluno, se pôs a fazer teatro. Um chama-se

Israel Galván; o outro **Mohamed El Khatib**. Juntaram-se para escreverem em conjunto uma ‘carta aos pais’, sob a forma de um espectáculo intitulado *Israel & Mohamed*, estreado no Festival d’Avignon do ano passado. Sobre este título, inusitado (apesar de ser também, apenas, o nome de cada um deles), afirma o actor: “Visto de fora, o título carrega consigo uma carga religiosa e geopolítica”.

Palco Grande da Escola D. António da Costa | Terça 14 às 22h00

Espectáculo de Honra 2026

A companhia alemã **Familie Flöz** regressa ao Festival com um dos seus maiores êxitos de sempre: *Teatro Delusio* foi votado no ano passado pelo público para ser o Espectáculo de Honra 2026. Nesta peça deparamo-nos com o ‘teatro dentro do teatro’: apenas três actores interpretam uma galeria de 29 personagens. “Uma comédia magistral, comovedora e cheia de alegria” (in *The Guardian*); “Um sentido de humor, um fascínio e uma energia que nos enfeitiçam” (in *Süddeutsche Zeitung*); “Uma ideia tão simples quanto genial: o público exulta e aplaude” (in *Berliner Zeitung*).

O teatro é o reino da ilusão — mas também pode acarretar grandes doses de desilusão, dependendo das expectativas de quem o faz, e de quem a ele assiste. *Teatro Delusio* joga com as variadíssimas facetas do mundo teatral: no palco e nos bastidores, entre ilusões e desilusões, nasce um espaço mágico, imbuído de uma humanidade verdadeiramente tocante. Enquanto a cena se torna bastidor, e o bastidor é posto em cena, enquanto num palco ao fundo, que não se vê, são representados vários géneros teatrais — do mundo opulento da ópera a encarniçados duelos de capa e espada —, os três técnicos de um teatro (Bob, Bernd e Ivan) procuram ‘safar-se’, nos bastidores. Eis-nos perante três ajudantes incansáveis, apartados do mundo luminoso do espectáculo apenas por uma parca cortina de fundo — e, no entanto, a anos-luz do estrelato. Estas três personagens lutam para concretizar os seus sonhos e, de repente, eles próprios vêm-se na pele dos protagonistas daquele palco, que equivale ao seu próprio mundo.

Teatro Municipal Joaquim Benite | Quinta 9 às 21h30 | Sexta 10 às 19h00

Desmascarar o poder

Dois espectáculos italianos e um espanhol dedicam-se a desmontar (e a ridicularizar) as estruturas de poder, quer se trate de sistemas opressivos opacos, de ditadores, ou de reis absolutistas: **Antonio Rezza** e **Flavia Mastrella** abordam em *Fratto X* os mecanismos de controlo pré-conscientes que carregamos dentro de nós próprios sem que nos apercebamos; **Tom Corradini**, servindo-se das suas flagrantes parecenças físicas com **Mussolini**, convida-nos para uma visita sarcástica à intimidade do ditador italiano, numa peça que venceu o prémio de Melhor Espectáculo do Fringe de Praga (2015) e prémio de Melhor Monólogo no Off de Avignon (2017); e **Ángel Ruiz** — que há cinco anos venceu a votação do público do Festival para Espectáculo de Honra com *Miguel de Molina al Desnudo* — traz-nos um *cabaret* barroco que denuncia a decadência social e política na corte de Filipe IV de Espanha, *O Rei da farândola*: “Um cabaret bem descarado” (in *El País*), “Uma festa para desfrutar, rir, e emocionar-se” (in *Lanza Digital*), “Sarcástico e provocador” (in *CMMedia*).

Fratto X, de RezzaMastrella

Os espectáculos da dupla **RezzaMastrella** são difíceis (se não impossíveis) de catalogar. Em *Fratto X*, no *habitat* criado por **Flavia Mastrella**, **Antonio Rezza** começa por andar às voltas num palco povoado por robots, brinquedos, objectos e pessoas telecomandadas (não é o objectivo dos poderosos telecomandar fantoches?). O texto de **Rezza** é-nos gritado, e o seu eco chega até nós desde as zonas mais recônditas do teatro. Depois surgem-nos as personagens Rocco e Rita, que brincam a imitar-se uma à outra — até já não se saber quem é quem. E a dada altura irrompe um bando de aves migratórias, voando felizes e despreocupadas: mas será a despreocupação ainda possível nos dias que correm? Há quem cite, a propósito destes dois criadores, a seguinte máxima de Beckett: “*en face le pire/ jusqu’à ce qu’il fasse rire*”. Mas, ao contrário do escritor irlandês, **Rezza** e **Mastrella** riem mesmo, e fazem-nos rir: neste espectáculo atiram-se à idiotice dos clichés que inundam a nossa comunicação quotidiana. Em *Fratto X* somos postos perante a seguinte pergunta:

Quem é que se exprime por nós, quando abrimos a boca para falar? Recorrendo a um universo clownesco, histriónico e obsessivo, o espectáculo mereceu o aplauso da crítica italiana: “Uma sinergia perfeita entre os movimentos performativos de Rezza e as obras de arte contemporânea de Mastrella”, in *La Repubblica*; “Uma prova de que a genialidade pode surgir da total ausência de regras”, in *L’Unitá*; “Um espectáculo esplêndido”, in *Il Sole 24 Ore*.

Palco Grande da Escola D. António da Costa | Segunda 6 às 22h00

Mussolini, de Tom Corradini

Estamos a 24 de Julho de 1943: o Grande Conselho Fascista reúne-se para discutir a deposição de Benito Mussolini. *Il Duce*, fechado sozinho no seu escritório do Palazzo Venezia, rememora os caprichos do destino, que o conduziu das suas origens humildes até ao posto de chefe supremo de Itália. *Mussolini*, criado e interpretado por **Tom Corradini**, estreou em 2015 com o objectivo de criar um espectáculo cómico e de fundo histórico, sendo fruto de uma pesquisa aprofundada em torno da figura de um líder controverso, com uma personalidade poliédrica, e que marcou a História italiana e europeia. Nesta peça analisa-se o ditador do ponto de vista humano, revelando, por exemplo, as técnicas oratórias que desenvolveu recorrendo ao estudo (e à memorização) do livro *A psicologia das massas*, de Gustave Le Bon. Aborda-se igualmente a sua relação com a arte — aprendeu a tocar violino depois dos vinte; lia latim e grego —, com a tecnologia, bem como a sua esfera afectiva. Ao mesmo tempo, ilustra-se do ponto de vista histórico a sua infância e a sua formação socialista (chegou a ser director do *Avanti*), as suas relações com Hitler e com Wiston Churchill, a adopção das leis raciais, a entrada na II Grande Guerra, e a sua queda inexorável. Na verdade, neste espectáculo ilustra-se a forma como as relações pessoais entre líderes políticos acabam por determinar as vidas (e as mortes) de milhões de pessoas. São-nos também revelados factos históricos pouco propalados, como o facto de Churchill ter declarado numa entrevista, em 1940, que “Mussolini é um grande homem”.

Academia Almadense | Sábado 11 às 16h00 e 21h30 | Domingo 12 às 19h00

El Rey de la farándula, de Ángel Ruiz

O Rei da farândula propõe-nos uma imersão no esplendor e no ocaso do *Siglo de Oro*, através de uma figura imaginária, chamada Segismunda, que encarna a essência do teatro, da música e da comédia. Inspirando-se nessa personagem ambígua e fascinante — metade intérprete, metade amante e confidente de Filipe IV — o espectáculo conjuga ficção e realidade, dando-nos uma visão distinta de um monarca que, para além das guerras e da decadência do império, a que ficou associado, acabou por converter o palco no seu principal refúgio, tendo sido um dos maiores mecenas espanhóis de sempre. A encenação rompe barreiras temporais, fazendo-nos transitar entre o passado e os nossos dias, e conjugando textos do período barroco com canções que vão do repertório de Monteverdi a compositores espanhóis do século XVII, como José Marín ou Juan Hidalgo. Derrubando a quarta parede, Segismunda — primorosamente interpretada por **Ángel Ruiz**, acompanhado ao piano por **Bru Ferri**, que interpreta uma personagem comicamente disléxica — dialoga com o público através da ironia, da emoção e do descaramento, revelando-nos episódios que estão documentados mas que acabaram por ser relegados para as gavetas mais recônditas da História.

Palco Grande da Escola D. António da Costa | Quinta 16 às 22h00

Criação portuguesa contemporânea

Espectáculos dirigidos por **Fernando Heitor** e **Flávio Gil**, por **Isabel Costa** e **Catarina Rôlo Salgueiro**, e por **Tónan Quito** concluem o panorama deste ano sobre a criação teatral portuguesa contemporânea: respectivamente, *Variiedades* assinala o centenário de um dos históricos teatros lisboetas, no Parque Mayer, ao passo que *Burn Burn Burn* traça o retrato distópico de uma sociedade na qual os livros são proibidos, e *O beijo no asfalto* constitui uma imersão do Teatro Nacional São João num dos ‘clássicos contemporâneos’ da dramaturgia brasileira, com intérpretes brasileiros residentes em Portugal e direcção de **Tónan Quito**.

Variedades (como uma ópera bufá erótica e satírica) pelo Teatro Variedades

Dez actores e seis músicos em palco narram-nos o arco de cem anos de História do **Teatro Variedades**, de 1926 a 2026, entrelaçando-a com a própria História de Portugal vista a partir do Parque Mayer — um recanto da cidade que durante décadas se distinguiu como um espaço permissivo, sem preconceitos, habitado por gente resistente, frontal e livre (ainda que todos soubessem que essa liberdade se extinguia assim que se saía do Parque e se chegava à Avenida da... Liberdade). Palmira, varina da Madragoa; António, ardina; Carmen, corista reformada; Jacinto, proprietário de um restaurante ribatejano; Marquinhas, rapariga das barracas de tiro vinda da Beira Interior; Cigano, marujo; Catarina, costureira de Santa Catarina; Camarão, apostador; Zé, escritora que nunca chegou a ser publicada; e Tremidinho, vendedor de coplas — eis os narradores desta história concebida por **Fernando Heitor** e **Flávio Gil**, com direcção musical de **João Paulo Soares**.

Teatro Variedades | Quinta 9, Sexta 10, Quarta 15, Quinta 16, Sexta 17 às 21h30 |
Sábado 11 e Domingo 12 às 16h00

Burn Burn Burn pel'Os Possessos

Num tempo em que as discussões se inflamam com facilidade e o diálogo parece cada vez mais difícil, **Burn Burn Burn** surge como um sopro de oxigénio. A partir de *Fahrenheit 451*, **Isabel Costa** e **Catarina Rôlo Salgueiro**, do colectivo **Os Possessos**, transportam-nos para um mundo em que os bombeiros ateiam fogo a livros. Só que a tentativa de apagar a História acende sempre novas formas de resistência. Para as criadoras, este é “um espectáculo pertinente, que através de uma ficção distópica nos diz muito sobre a realidade actual. E que nos faz pensar: que papel tem a literatura, a arte, o teatro, perante a polarização que incendeia o mundo em que vivemos?”. Esta peça passa-se numa biblioteca pública em 2025, quando um grupo de estranhos se reúne para participar num clube de leitura. O diálogo em torno do livro que estão a ler, e a divergência de opiniões entre os participantes, rapidamente se transformam numa discussão acesa. A ficção que essas personagens lêem confunde-se com a realidade e, como em tantos outros momentos da História da Humanidade, os livros passam a ser considerados perigosos e são destruídos.

Palco Grande da Escola D. António da Costa | Sexta 10 às 22h00

O beijo no asfalto, pelo Teatro Nacional São João

Será que poderia acontecer a qualquer um? Arandir, um pequeno-burguês brasileiro, um anónimo burocrata, está à espera do sinal verde para atravessar a estrada. Vem acompanhado pelo sogro. A dada altura, um desconhecido ao seu lado atravessa e é atropelado por um autocarro, projectando-o alguns metros. Morre pouco depois, não sem antes pedir a Arandir que o beije na boca. Será um pedido assim tão insólito? Arandir acha que não, e dá-lho. Mas a esmagadora maioria dessa sociedade brasileira do início dos anos 60, influenciada por uma imprensa sensacionalista e por uma polícia corrupta — estamos a poucos anos do golpe que instalará a ditadura militar, em 1964 —, acha que sim. **O beijo no asfalto**, de **Nelson Rodrigues**, que **Tónan Quito** dirigiu com um elenco inteiramente composto por brasileiros a residir em Portugal, é sobre homofobia. Sobre a condenação violenta “do homossexualismo, da viadagem”, como se diz na peça. Será esse beijo — acto-contínuo de um *everyman* que assiste à morte em directo — um acto nobre e solidário? Ou será que “Beijo é crime”, como sai nos jornais, e estamos perante o assassinio de um homossexual por outro? A viúva daquele que morre deixa-se corromper, e chega a declarar que os dois homens se conheciam e eram amantes. A mulher daquele que beijou, casada há um ano, jura que isso é impossível, embora deixe escapar: “Como é que um homem pode amar outro homem?”. As reacções à estreia desta peça dividiram-se entre o aplauso e o escândalo: para muitos sectores da sociedade brasileira de então, era insuportável que viesse ao de cima o que estava (e deveria permanecer) reprimido. Seria tolerável um homem ser casado, amar a sua mulher, e amar também outro homem? Para a jovem cunhada de Arandir (que também o amava a ele), sim. Mas para o velho sogro de Arandir, não. O final desta peça traz-nos um volte-face inesperado: a morte, de novo, fechando um círculo e deixando-nos de sobranceiras arqueadas.

Teatro Municipal Joaquim Benite | Segunda 13 às 21h30 | Terça 14 às 19h00

Homenagem 2026: Fernando Gomes

Em 2026 o Festival de Almada homenageia — no dia 10 de Julho, às 22h00, no Palco Grande da Escola D. António da Costa — o actor e encenador **Fernando Gomes**. No dia 4 de Julho é inaugurada no Átrio da Escola D. António da Costa a respectiva instalação de homenagem *A paródia de um rei sem palácio*, com concepção plástica de **José Manuel Castanheira**.

Fernando Gomes forma-se como actor em 1974 no Teatro Experimental de Cascais, sob a direcção de Carlos Avilez, seguindo-se trabalhos com Filipe La Féria, João Mota e João Brites. No início dos anos oitenta é um dos pioneiros do movimento de Café-Teatro. Em 1988 adapta e encena uma novela de Camilo Castelo Branco — *Maria! Não me mates, que sou tua mãe!* Colaborou com o Teatro Aberto, o Teatro da Comuna, o Teatro da Graça, a Seiva Trupe, o Teatro Maria Matos, o Chapatô, o Teatro da Trindade, o Teatro da Garagem, o Teatro Nacional D. Maria II, o Teatro do Eléctrico, o Teatro do Noroeste, entre muitas outras estruturas. No Teatro Nacional de São Carlos dirigiu as óperas *Ba-Ta-Clan*, de Offenbach, e *Um chapéu de palha de Itália*, de Nino Rota. No teatro para a infância, destaca-se o seu trabalho no Teatro Infantil de Lisboa. Como actor, já participou em mais de 150 espectáculos.

Escola D. António da Costa (Átrio) | 4 a 18 de Julho, das 18h00 às 24h00

Miguel Seabra dirige O sentido dos Mestres

Convidámos o actor e encenador **Miguel Seabra** para dirigir a 13.^a edição d'*O sentido dos Mestres*. A formação deste ano propõe uma abordagem teórica e prática aos processos de criação teatral desenvolvidos no Teatro Meridional — a companhia que co-dirige com Natália Luiza —, tendo o actor como figura central enquanto criador e único elemento indispensável num espectáculo de teatro. Ao longo de cinco sessões, serão explorados os princípios fundamentais dos mecanismos de encenação usados em diferentes espectáculos do Meridional, com especial enfoque na autonomia criativa, na responsabilidade artística do intérprete enquanto agente criador, e na construção de uma visão integrada do espectáculo — o 'Todo' subjacente à edificação de qualquer criação cénica.

Partindo da experiência do formador, serão abordadas as diferentes etapas do processo criativo teatral: a escolha de um texto; o conceito temático subjacente a essa escolha; o processo de pesquisa e/ou escrita cénica de um espectáculo; a definição das respectivas equipas artísticas, técnicas e de produção; e o modo como se articulam essas diferentes áreas. Dentro deste caminho, haverá espaço para uma reflexão prática sobre o papel do encenador e do actor no contexto contemporâneo, entendendo o processo de criação como um território de risco, escuta, falha, descoberta, edificação e transformação.

Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea | 13 a 17 de Julho, às 15h00

Mattia Denisse: autor do cartaz 2026

O autor da imagem do cartaz desta edição é o artista plástico francês **Mattia Denisse**, que inaugura a exposição intitulada *dEbAclE*, apresentada “não como uma sequência de imagens que se limita a representar a paisagem, nem um conjunto de desenhos que ilustra um guião prévio, mas sim como um dispositivo onde *ver* implica sempre um desvio”. **Mattia Denisse** (1967) integra uma linhagem de artistas cuja prática transita entre a literatura e as artes visuais, sem estabelecer hierarquias entre texto e imagem. Mais do que procurar respostas, interessa-lhe explorar as contradições e os mistérios da existência, abrindo espaço à ficção e à conjectura.

Galeria Municipal de Arte | 4 de Julho a 31 de Outubro, das 11h às 19h

Actos complementares

Para além do programa de 19 espectáculos e dos 15 concertos de entrada livre que acontecem todos os finais de tarde na Esplanada da Escola D. António da Costa, o Festival inclui um conjunto de exposições e várias conversas com os artistas que visitam Almada. Entre 6 e 17 de Julho, nos dias úteis, às 18h00, pelos **Colóquios na Esplanada** passarão 12 criadores para conversarem com os espectadores sobre os espectáculos que apresentam este ano. E no dia 7 de Julho será lançado o livro de **Peter Stein** e **Gianluigi Fogacci** intitulado *Uma outra perspectiva – Vida e teatro de um mestre*, numa edição do Teatro Nacional São João. O Festival dedica uma tarde de reflexão sobre a peça *Agaiivota*, de Anton Tchecov, que tem particular destaque na programação de 2026: a 11 de Julho o crítico de teatro **João Carneiro** conversará com um conjunto de seis criadores na Casa da Cerca, em Almada. Para além da instalação de homenagem a **Fernando Gomes**, e da do artista plástico **Mattia Denisse**, o Festival apresenta ainda outras duas exposições: *Espelhos de ver por dentro*, do Museu do Neo-Realismo; e *Na luz das sombras*, do Museu da Marioneta.

Assinaturas para todos os espectáculos

As Assinaturas do Festival de Almada podem ser adquiridas em **ctalmada.pt**, na **bilheteira do Teatro Municipal Joaquim Benite**, ou nas lojas **FNAC**, e têm o valor de 100€ (80€ para os membros do Clube de Amigos do TMJB). As Assinaturas para a presente edição estão à venda desde 27 de Março: no ano passado, estes passes para todos os espectáculos esgotaram ainda antes do início do Festival.

Orçamento, apoios, parcerias

O orçamento da 43.^a edição do Festival de Almada é de 631.044€, dos quais cerca de um terço são receitas próprias da Companhia de Teatro de Almada. O restante financiamento é assegurado pelo **Ministério da Cultura, Juventude e Desporto / Direcção-Geral das Artes** e pela **Câmara Municipal de Almada**. A parceria com o **Centro Cultural de Belém**, que remonta a 1999, mantém-se em 2026, para além da retoma da colaboração com o **Teatro Nacional D. Maria II**. Este ano o Festival decorre também, pela primeira vez, no **Teatro Variedades**. Nesta edição mantém-se a parceria com a **Radiotelevisão Portuguesa**, que incluirá a transmissão em directo do espectáculo de abertura, a 4 de Julho, e a gravação da estreia da Companhia de Teatro de Almada. As embaixadas de **Itália, França e Espanha** mantêm o seu apoio ao Festival, para além da **Share Foundation**, do **Turismo de Lisboa**, da **União das Freguesias de Almada, Cova da Piedade, Pragal e Cacilhas**, da **Antena 2**, da **RTP África**, do **Almada Fórum**, da **Escola D. António da Costa** e da **Sociedade da Água de Luso**.

